

## **Ex-Votos: Patrimônio cultural ou objeto folkcomunicação de fé?<sup>1</sup>**

**Genivalda Cândido da Silva<sup>2</sup>**

Universidade Federal da Bahia – UFBA. Bolsista IC – PIBIC - UFBA Graduanda em Museologia pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista IC-PIBIC - UFBA. No Projeto Ex-votos das Américas: etapa Américas do Norte e Central. [v.bridacandido@gmail.com](mailto:v.bridacandido@gmail.com)

### **Resumo**

Esse artigo tem como objetivo analisar as práticas ex-votivas do Santuário do Bomfim, analisadas pelo Projeto Ex-votos do Brasil, que observou os sistemas de comunicação e a crença retratada nesses objetos religiosos. Assim, fez-se necessário a interpretação e elucidação das novas dimensões e significados culturais da religiosidade popular, e a retratação do ex-voto como um media folkcomunicação integrante do patrimônio cultural do Santuário do Bomfim. A espontaneidade, comunicabilidade, tradicionalidade, são algumas das características que se pode designar ao objeto de estudo, já que a prática ex-votiva não é de imposição religiosa ou institucional. Mas sim uma prática popular relacionada à memória, costumes ou crenças de um povo.

### **Palavras-chave**

Folkcomunicação; Ex-votos; Patrimônio Cultural; Religiosidade; Santuário Senhor do Bomfim.

### **Musealização e Patrimonialização: algumas pontuações**

Até chegar ao entendimento do significado de patrimonialização e musealização, é preciso fazer um prévio resumo das origens dos museus e seus diferentes conceitos, que por si referem-se a patrimônio, cultura, tradição. Esses processos passaram por variadas mudanças temporais, sociais, políticas e culturais.

Para Miriam Arroyo (1992, p. 89), a origem da palavra vem do grego *museion*, que era o lugar onde se recolhiam os conhecimentos da humanidade, ao qual tinha acesso à classe de dirigente e os intelectuais da época.

A instituição museu na Grécia antiga era tida como um local privilegiado, onde a mente repousava, onde o pensamento profundo e criativo, liberto às artes e às ciências, pois as

---

<sup>1</sup> Trabalho na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – VIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Museologia pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista IC-PIBIC - UFBA. No Projeto Ex-votos das Américas: etapa Américas do Norte e Central. [v.bridacandido@gmail.com](mailto:v.bridacandido@gmail.com)

obras existiam mais para agradar as divindades do que serem contempladas pelo homem, escreveu Marlene Suano (1986, p. 10).

Porém, não tão distante, há pelo menos seis séculos, os tesouros obtidos em saques, ou a tomadas de reinos, eram expostos ao povo, ficando a cargo de especialistas ou privilegiados escolherem o que deveriam ser ou não conservados e concediam aos objetos valores, desprezando os que não se adequavam a suas culturas.

É certo que o museu como conhecemos na atualidade, procede-se dos estilos europeus, pois foi nesse continente que a instituição se consolidou como conservadora do patrimônio cultural da humanidade.

“Sua estreita relação com o patrimônio cultural estabelece sua função primordial, que é a preservação do mesmo, e dela se desprendem as outras de investigação, recolha, conservação e exibição com fins de educação e lazer”. Tem sido uma instituição aberta ao público, não lucrativa e fundamentalmente a serviço da sociedade. Um espaço onde se reúnem objetos que, exibidos sistematizadamente, transmitem uma mensagem descritiva destes, seus produtos e o momento no qual sucedeu. (ARROYO, 1991, p.90).

É possível observar a questão da preservação do patrimônio ligado ao museu, ou mais que isso, ligada à identidade cultural da sociedade e sua memória. Como ressalta Marlene Suano ao citar que “*Antes de mais nada, não podemos nos esquecer que o museu é o local último no longo processo de perda de funções originais....que é produto e vetor de ação humana*”. A discussão sobre a patrimonialização aparece como forma de preservação do passado e fortalecimento de relações de identidades culturais, sociais e materiais. Para isso, busca-se abordar as políticas de patrimônio, referidas pela UNESCO, e, por fim, o significado de patrimônio cultural, por alguns autores.

Choay (2001, p. 11) fala que, na origem, a palavra patrimônio estava ligada “às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”. No entanto, posteriormente houve várias modificações nesse sentido, que contribuíram, inclusive, para a constituição do patrimônio cultural na atualidade. Esse processo, a princípio, foi marcado por usos simbólicos variáveis por parte da sociedade, que abrangia os aspectos relacionados à destruição, até alcançar o que entendemos por preservação e conservação de um bem material.

A denominação Patrimônio da Humanidade é reconhecida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como um sítio de grande

importância para a humanidade, sendo necessária sua preservação contínua para não haver perdas para humanidade.



Museu dos ex-votos da Igreja do Bom Jesus do Bomfim  
Salvador-Bahia  
Imagem própria

E mais ainda, a preservação do patrimônio está ligada à questão da memória social. Isso significa dizer que a preservação se tornou importante não apenas para resguardar o patrimônio, mas, como enfatiza Pollak (1992, p.05), principalmente para valorizar um elemento que constitui e fortalece o sentimento de identidade, coletivo ou individual.

No Brasil, a preocupação com a preservação do patrimônio começou no século XX. Vários fatores influenciaram esse acontecimento. O crescimento do nacionalismo, a valorização da arte sacra colonial no mercado internacional; e o interesse de “recriar” o Brasil, por parte dos intelectuais modernistas, como o poeta Mário de Andrade (SIMÃO, 2001; FUNARI e PINSKY, 2001, 15) foram alguns desses fatores.

As políticas de patrimônio selecionam e destacam certos bens culturais que seriam representativos de uma tradição nacional, capazes de manter os vínculos comunitários da vida em sociedade. Para Peralta (2008), muito do que antes era designada “história” ou “tradição” é hoje conhecido como patrimônio.

Alimentando-se do passado o patrimônio não é o vestígio tangível do processo histórico, mas uma interpretação e representação pública do passado, uma recriação da história, que emana visões essencialistas do passado e neutraliza as contingências históricas,

disseminando e reproduzindo considerações sobre o que é essencial ou marginal para a identidade e mediando a relação que os indivíduos têm com o passado.

Esta funcionalidade é representada pelo fato de que o patrimônio muitas vezes é eleito e constituído por um grupo, sendo que se torna um atrativo para o próprio grupo, que pode decodificá-lo e usufruir dele em viagens e compras de souvenirs, enquanto que para muitos é somente um monumento.

O patrimônio passa a ser constituído cultural e simbolicamente quando constitui significados que podem ir desde a dimensão local até a nacional. Ele passa a ser uma forma de identificação de um espaço, de um tempo e de um grupo que o utiliza para se referenciar a uma estrutura social.

### **Da Religião Católica no Brasil à Religião do povo, ou, fé popular.**

O papel da igreja no Brasil é determinante na política. Pois tinha a sua disposição a arma da excomunhão e as chaves do paraíso, e de outro lado era o único poder colonial que, além do latim, conhecia também a diplomacia, ciência, técnica, arte, letras e negócios.

Durante o período colonial, o clero secular estava disperso principalmente nas áreas rurais, sujeito mais a denominação dos senhores de engenho e outros latifundiários, em cujas propriedades eram capelães, do que à autoridade de seus bispos. Com seus ensinamentos e pregações forneciam uma ideologia ancorada na teologia que justificava e dava suporte aos padrões socioeconômicos existentes. Com exceção dos jesuítas como escreve Freyre (1999, 196), numa visão sociológica, *Clérigos, e até mesmos frades, acomodaram-se, gordos e moles, às funções de capelães, de padres-mestres, de tios-padres, de padrinhos de meninos: à confortável situação de pessoa da família, de gente da casa, aliado e aderente do sistema patriarcal.*

O catolicismo no Brasil tem o seu início, não com a cruz fincada com a chegada de Pedro Álvares Cabral, mas quando os artífices da Colônia atravessavam os oceanos empenhados, na propagação da fé. Quando havia acompanhamento dos capelães atrás da conquista estava vigilante a igreja católica, e com ela instruções educativas e difusão das artes.

Aqui, é importante elucidar a arte porque sobressaem as fortalezas e as igrejas, marcos das resistências da colônia e do catolicismo respectivamente, que, além da arquitetura, mostram o poder, a monumentalidade e a riqueza de Ordens e do militarismo a partir do século XVII. No século XVIII, o apelo com imagens, num processo contra reformista que trouxe consigo uma catequização mais apeladora, mais teatralizadora e encenativa, publicizando passagens

bíblicas e o “sofrimento” do Cristo. E nesse caminho estão, principalmente, as ordens jesuítas, beneditinas e franciscanas.

A questão das relações entre Igreja e Estado foi um ponto de discórdia entre o Império e o Vaticano, na medida em que o ponto de vista de Roma lentamente conquistava um número crescente de membros da Igreja. Mas com a proclamação da República, em que, novas lideranças do país, muito influenciadas pelas idéias positivistas, não viam utilidade para o Padroado e para tudo o que o acarretava.

Em 1890 deu-se a separação formal da Igreja e do Estado. Dois meses mais tarde, em uma carta pastoral coletiva, os bispos acolheram bem a nova situação, declarando que a “*Igreja Católica no Brasil recebeu garantias de uma série de liberdades que nunca tinha obtido durante a monarquia*”.

A religião popular é uma manifestação coletiva, geradora de fortes sentimentos de identidade entre seus membros. Não é apenas um meio de repassar sua fé, mas, de criar e recriar meios de difundir e perpetuar seus valores, crenças, memórias.

As relações com o divino são quase sempre, neste caso, relações de troca, algumas vezes do imaterial pelo material, abstrato (adquirir bem, a saúde de quem está executando o pedido), o fiel promete fazer uma oferta (voto) caso sua graça seja recebida o fiel efetua o ex-voto (pagamento da promessa).

### **Folkcomunicação e os Ex-Votos**

Em 1967, quando o jornalista Luiz Beltrão defendia sua tese de doutorado na UNB, ele estava criando e fazendo nascer uma nova disciplina, a Folkcomunicação. A Folkcomunicação demorou a ser reconhecida amplamente no âmbito científico. Mesmo com grupos de pesquisadores no Brasil e no mundo, a teoria permanece um tanto escondida das disciplinas mais clássicas da comunicação nas suas habilitações. Naquela década, as teorias da Comunicação estavam mais voltadas para as formações semióticas e semiológicas, tecendo construções nos campos do estruturalismo e sustentando ainda mais a idéia do Jornalismo.

As tradições populares eram focadas por áreas de estudos tais como a do Folclore, da Antropologia e da História. Porém, foi com Luís Beltrão que, a análise da comunicação popular, proveniente das atitudes rurais para o mundo urbano, começou a se delinear, com uma maior interpretação do folclore. Então, a partir daí, a Folkcomunicação passou a ser

vista como disciplina que analisa as produções entre duas culturas, uma elitizada, massiva e outra que parte do povo, do espontâneo, seja das vias urbanas ou rurais.

A folkcomunicação se caracteriza pela utilização de mecanismos artesanais, da difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. Ou seja, o que se torna popular passa a ser apropriado, modificado e usado para novas construções, com significados que se tornam tradição entre a comunidade e ganham difusão na questão da memória.

Nesse contexto estão os ex-votos, as “promessas”, os “milagres” as graças alcançadas que advêm da milenar religião do povo. A definição de ex-votos é um pouco variada, mas ao final de algumas pesquisas e definições atribuída por alguns pesquisadores, cientistas e autores, chega-se a mesma conclusão, mudando apenas a forma no contexto histórico e seu significado correlacionado a ações ou tradições ao qual é empregada a graça. Os ex-votos são objetos que possuem variadas definições tipológicas, formatos e gêneros, e com o decorrer do tempo também, passou por mudanças, não perdendo a sua real intenção, mas, apenas a maneira a qual foi, e é elaborado ou criado.



**Parede da sala de Milagres do Santuário do Bomfim, com variadas tipologias. Ex-vótivas. Imagem própria**

O ex-voto é um objeto que traz em sua contextualização, variadas vertentes de estudos e áreas de pesquisa, dentre algumas delas pode-se abalizar dois campos: o da museologia, que o trata como objeto patrimonial exposto em uma área de visitação, seja em um museu ou



santuário, e, o campo da folkcomunicação que direciona os ex-votos à iconografia e a comunicação popular.

Ambas as áreas tratam do objeto ex-votivo sob sua característica híbrida revelando-o mais do que símbolo votivo de fé, mas também como patrimônio cultural e comunicacional.

Benjamim (2003, p. 43-44) trata a prática tradicional ex-votiva como comunicação da fé popular,

“A prática mais tradicional da comunicação, nas devoções populares, é a entrega do ex-voto. No ex-voto paga-se o compromisso de natureza contratual com o santo. A entrega do ex-voto é, porém, a publicização da intervenção – o milagre ou, mais modestamente, a graça alcançada – mensagem cujos receptores são os outros devotos ou pessoas que circunstancialmente passem ou visitem o local da devoção. Quanto mais ex-votos depositados, mais provados ficam os benefícios alcançados pela intercessão do santo, o que faz crescer a fama e despertar o interesse de novos devotos.”

Todas as imagens artísticas pictóricas, fotográficas, esculturas, bibliográficas, dentre tantas outras que se enquadram e denominam o objeto ex-votivo traduzem modos de ver, e estes são decorrentes tanto daquilo que é visto quanto de quem vê. Cada parte de um objeto, ou por completo, pode difundir uma multiplicidade de imagens, reais ou imaginárias, efêmeras ou duradouras, de consenso ou de conflitos. É a pluralidade de imagens que, ao originar práticas e representações, desigualmente partilhadas pelos grupos sociais, delinea os contornos das identidades de objetos e dos espaços em que estão inseridos.

### **Local de Estudo:**

Para o estudo foi escolhido um ambiente singular: o Santuário do Nosso Senhor Bom Jesus do Bomfim situado no lugar conhecido como “Colina Sagrada”, na Cidade do Salvador Bahia, Brasil, patrimônio histórico e cultural para o povo brasileiro marcado pela forte devoção ao Nosso Senhor do Bomfim, que remonta século XVIII, desde que o capitão de mar e guerra Teodósio Rodrigues de Faria trouxe de Setúbal, Portugal, uma imagem esculpida em cedro, com um metro e dez centímetros de altura, e a expôs para a adoração dos fiéis na Capela de Nossa Senhora da Penha de França de Itapagipe de Baixo, até que fosse edificada a oferenda ao santo, ou seja, o pagamento da promessa do Capitão Rodrigues ao Senhor do Bomfim.

O Santuário tem também como marco de valorização a procissão, que acontece todos os anos, na segunda quinta-feira do mês de janeiro, desde o século XVIII, e entendida como elemento de consolidação de identidade coletiva do povo baiano.

Há uma riqueza de variedades ex-votivas acumuladas nos 260 anos de existência que constitui o acervo da sala de milagres e do museu ali instalados. Grande parte da produção artística pictórica, rústica e literária ex-votiva contida no museu e na sala de milagres, são representações das tradições, imaginário e das identidades nacionais e locais, voltadas ora para o religioso, ora ao cultural comunicacional.

Além da fé, do patrimônio cultural, reserva-se uma riqueza que se atestas para a cultura implantada pelas Ordens que foram anteriormente aludidas, dentre outras mais. Uma cultura que caracterizou o povo brasileiro como dos mais crentes na fé cristã, fundadora de outro catolicismo, o “*catolicismo rústico*”, ou como denominam os redentoristas, os progressistas e os ligados à teologia da Libertação: o catolicismo do povo, de uma religião que não se diz popular, mas “*do povo*”.



**Santuário Senhor do Bomfim**  
imagem própria



**Sala de Milagres do Santuário**  
**Senhor do Bomfim**  
Imagem própria

### **Ex-votos**

São objetos que possuem variadas definições tipológicas, formatos e gêneros, e com o decorrer do tempo também, passou por mudanças, não perdendo o seu significado e intenção, mas, apenas a maneira a qual foi, e é elaborado ou criado.



A definição dos objetos ex-votivos é um pouco variada, mas ao final de algumas pesquisas e citações de autores, chega-se ao mesmo significado, mudando apenas a forma no contexto histórico e seu significado correlacionado a ações ou tradições ao qual é empregado o mesmo.

José Marques de Melo, citando Luís Saya, fala que “a tradição ex-votiva remonta a mais afastada atividade do homem perante o deus protetor. Às vezes surge como troféu de guerra deposto após a vitória, no altar do Deus protetor; troféu que tanto podia ser uma arma, ou insígnia, como a cabeça do inimigo. Ou de outra forma, que está presente até os dias atuais na tradição católica de muitas partes do mundo, e consiste no ato de pagar promessas relativas à graças alcançadas, com o agradecimento aos santos protetores com objetos que lembram o pedido feito: Muletas, representação da parte doente, peças de vestimentas, mídias, dentre tantas outras retratações simbólicas”.

O ex-voto é um objeto que traz em sua contextualização, variadas vertentes de estudos e áreas de pesquisa, dentre algumas delas pode-se abalizar dois campos: o da museologia, que o trata como objeto patrimonial exposto em uma área de visitação, seja em um museu ou santuário, e o campo da folkcomunicação que direciona os ex-votos à iconografia e a comunicação popular. Ambas as áreas tratam do objeto ex-votivo sob sua característica híbrida revelando-o mais do que símbolo votivo de fé, mas também como patrimônio cultural e comunicacional.



**Placa descrevendo o ato ex-votivo e o seu significado Imagem própria**



**ex-voto retratado em fotografia Imagem própria**

São nos espaços dos Santuários que os devotos se comunicam com o divino, com pedidos de alcançar uma graça ou milagre através da devoção e fé.

Benjamim (2003, p. 43-44) trata a prática tradicional ex-votiva como comunicação da fé popular.

A prática mais tradicional da comunicação, nas devoções populares, é a entrega do ex-voto. No ex-voto paga-se o compromisso de natureza contratual com o santo. A entrega do ex-voto é, porém, a publicização da intervenção – o milagre ou, mais modestamente, a graça alcançada – mensagem cujos receptores são os outros devotos ou pessoas que circunstancialmente passem ou visitem o local da devoção. Quanto mais ex-votos depositados, mais provados ficam os benefícios alcançados pela intercessão do santo, o que faz crescer a fama e despertar o interesse de novos devotos.

Com todo esse potencial histórico, cultural, folkcomunicacional, de fé e das devoções populares, que se evidenciam entre trocas sociais e simbólicas, onde sem mediações eclesiais, o indivíduo se legitima pelo sagrado, estabelecendo assim uma relação direta entre devoto e Deus.

Todas as imagens artísticas pictóricas, fotográficas, esculturas, bibliográficas, dentre tantas outras que se enquadram e denominam o objeto ex-votivo traduzem modos de ver, e estes são decorrentes tanto daquilo que é visto quanto de quem vê. Cada parte de um objeto, ou por completo, pode difundir uma multiplicidade de imagens, reais ou imaginárias, efêmeras ou duradouras, de consenso ou de conflitos.

É a pluralidade de imagens que, ao originar práticas e representações, desigualmente partilhadas pelos grupos sociais, delineia os contornos das identidades de objetos e dos espaços em que estão inseridos. Algumas das práticas e representações, mais duradouras ou midiáticas, se revelam mais operantes e outras, mais fugazes ou menos abrangentes, não são tão visíveis enquanto referências identitárias.

Apesar dos multiculturalismos, as tecnologias comunicacionais modernas independentes, as manifestações populares ainda permanecem integradas, em relação aos seus ritos sagrados de devoção e fé.

Mesmo que sejam vistas ou narradas como um vídeo-documentário, ou por meio de uma gama de imagens descontínuas vindas de todas as partes, ou ainda de uma montagem não linear, a substituição das tradicionais tipologias ex-votivas como quadros pintados pelos “riscadores de milagres”, ou os ex-votos escultóricos, por objetos de uso cotidiano como mídias de CDs, DVDs, ou PCs antigos, e uma gama de diversidades depositadas e expostas

nas salas de milagres, são afirmações da constante dinâmica cultural religiosa, popular que acompanham as mudanças, principalmente quando elas recaem no campo da comunicabilidade.



Teto da sala de milagres. Ex-votos de parafina  
Imagem própria.

## Referenciais Bibliográficos

AZEVEDO, Thales de. **O Catolicismo no Brasil: Um campo para a pesquisa social**. Salvador. EDUFBA, 2002, p. 32

BENJAMIN, Roberto. **Revista folkcomunicação “Devoções populares não canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa”**. Disponível in: <http://www.uepg.br/revistafolkcom/anteriores/revista01.pdf>. Acessado em 22.02.2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974, p. 194.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2011, p 11.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande senzala**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record. 1999, p. 196.

FUNARI, P. P. PINSKY, J. In: **Turismo e Patrimônio Cultural** (orgs). 04 ed. São Paulo: Contexto. 2005, p.12.

KERRYOU, Miriam Arroyo de. **Museu, Patrimônio e cultura: Reflexões sobre a experiência Mexicana**. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.) **O Direito a Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH/SMC, 1991, p 89 - 99.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: História, Taxionomia e Metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 84 – 89.

PERALTA, Elsa. **A Memória do Mar. Património, tradição e (re) imaginação identitária na contemporaneidade**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. 2008.

POLLAK, Michael. “**Memória e Identidade Social**”. In: **Estudos históricos**. vol.5, n.10, Rio de Janeiro, 1992, p. 05.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginaIphan>. Acessado em 28/04/2012.

SAYA, Luiz. **Escultura popular brasileira**. In: Oliveira, José Cláudio. Ex-Voto: Media e Documento, Objeto Popular e Riqueza Museal. São Paulo: Gaveta 1944, p. 26 il.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SUANO, Marlene. **O que é Museu. Coleção primeiros passos 182**. Brasiliense. 1986, p.10 – 25.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de Milagres. Um estudo sobre a arte genuína**. Rio de Janeiro: Superintendência de Difusão Cultural SED. BA. 1967, 16-36.